

## CONSTRUÇÃO DE LETRAMENTO EM UMA COMUNIDADE ON-LINE DE PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Luciana Nunes Viter<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente investigação pretendeu analisar as práticas e percepções dos membros de um grupo digital cujos principais objetivos eram a produção e leitura colaborativas de textos derivados do romance *Orgulho e Preconceito*, da escritora inglesa Jane Austen (1813). As concepções de comunidade digital (PRIMO, 1997; RHEINGOLD, 2000; JENKINS, 2006; TAVARES, 2007) e de comunidade de prática (LAVE; WENGER, 1991, WENGER, 1999; 2012) foram tomadas como referências para reflexão sobre as interações e sobre os processos de aprendizagem ocorridos no grupo. Tal análise buscou identificar e descrever os processos de (re)significação das participações na comunidade desenvolvidos pelos membros do grupo e apontar possíveis experiências de construção de conhecimento ocorridas no contexto de suas interações e de suas atividades compartilhadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunidade de prática; comunidade digital; produção textual; leitura; *fanfic*.

**ABSTRACT:** This investigation aimed to analyze the members' practices and perceptions in a digital group whose main objectives were the collaborative production and reading of texts based on the romance *Pride and Prejudice*, from the English writer Jane Austen (1813). The conceptions of digital community (RHEINGOLD, 2000; JENKINS, 2006; TAVARES, 2007) and community of practice (LAVE; WENGER, 1991, WENGER, 1999; 2012) were taken as references to reflect about the interactions and the learning processes occurred in the group. Such analysis searched to identify and describe the participations (re)signification developed by the group members and point out possible experiences of knowledge building occurred in the context of their interactions and of their shared activities.

**KEYWORDS:** community of practice; digital community; textual production; reading; *fanfic*.

### Introdução

O Homem sempre utilizou suas interações em grupo para pensar e agir coletivamente, porém, mais recentemente, as redes virtuais eletrônicas potencializaram exponencialmente a força dessas conexões (LÉVY, 1996, p. 8; RHEINGOLD, 2000, p.323). Além disso, o desenvolvimento da internet, ao evoluir para o estágio que passou a ser chamado de Web 2.0, tornou-a ainda mais propícia à colaboração entre seus usuários (JENKINS, 2006, p. 122). Nessa etapa, a partir da evolução de web para plataforma, o usuário deixou de ser um mero consumidor de conteúdos e passou a produzir e compartilhar suas próprias contribuições, muitas vezes em grupo e em etapas assíncronas com relação ao resultado final (O'REILLY,

---

<sup>1</sup> Professora de língua inglesa da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC). Mestra e doutoranda pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPLA/UFRJ), onde é pesquisadora do Núcleo de Pesquisa LingNet com bolsa concedida pela Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB). lucianaviter@ufrj.br

2009, p. 5). Nesse mesmo cenário, a expansão do uso do hipertexto também vem gerando mudanças significativas na recepção e nas funções do texto e no relacionamento entre escritor e leitor, escritor e texto e entre leitor e texto (ARAÚJO, 2008; MAGNABOSCO, 2009, p. 54), como pode ser observado em comunidades colaborativas de produção textual e leitura construídas no ciberespaço. Essas mudanças vêm demonstrando que a dinâmica hipertextual, por sua natureza anárquica, é capaz de redistribuir o poder e a autoridade no contexto da produção textual e de promover a construção social do conhecimento (MARCUSCHI, 2002). Tal visão é exemplificada por Zappone (2008, p. 31) ao sugerir que a produção e leitura de *fanfics* constituem-se em novo processo de letramento literário.

Partindo desses pressupostos, o objetivo inicial da presente pesquisa foi identificar e descrever possíveis processos de aprendizagem ocorridos a partir de práticas de leitura e de produção textual compartilhadas em um grupo formado no meio digital. Para tanto, constatou-se que era necessário previamente identificar e discutir as ações e inter-relações ocorridas no contexto da comunidade virtual investigada. Adotou-se então uma abordagem etnográfica para a investigação do ambiente virtual (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 35; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 56) onde se buscou contextualizar os valores de referência do grupo e os significados de suas participações a partir das percepções de seus membros.

Os dados foram gerados a partir dos históricos das interações registradas no fórum da comunidade on-line, de caráter público para quem se dispusesse a participar do grupo, e a partir das anotações em diário de campo registradas pela autora, que também participou como membro da comunidade durante o período abrangido pela investigação. Com referência a essa participação da pesquisadora nos processos vivenciados pela comunidade, afirma Hine (2000, p. 49) que o engajamento ativo e reflexivo do investigador como produtor e consumidor de textos em contextos mediados por computador facilita sua compreensão dos fenômenos ocorridos no âmbito dessas tecnologias. No caso do presente estudo, essa reflexão se deu tanto pela incorporação das interpretações dos usuários ao relato etnográfico, quanto pela análise da natureza desses relatos e da explicitação dos pressupostos em que se baseavam, por parte da pesquisadora.

## 1. Os conceitos de comunidade digital e de comunidade de prática

A definição de comunidade pode ser estabelecida inicialmente para definir um determinado espaço físico ocupado por um agrupamento de pessoas (PRIMO, 1997, p. 1). O próprio potencial do compartilhamento da convivência espacial gerar vínculos entre seus participantes conduz a uma segunda categoria mais ampla para o termo, significando grupos construídos em torno de interesses específicos. É necessário considerar que essa descrição do conceito de comunidade data do início da história humana, quando a interação em grupos ocorria basicamente face a face. Porém, principalmente após o advento da escrita, a comunicação passou a ser viável entre pessoas isoladas geograficamente entre si, tornando mais comum a identificação e criação de vínculos entre aqueles que não mais partilhavam da proximidade do mesmo espaço físico, alterando o conceito de comunidade.

As novas tecnologias de informação e comunicação vieram ampliar exponencialmente o alcance dessas interações não presenciais, fazendo surgirem as comunidades virtuais, que foram definidas por Rheingold (2000, p. 36) como agregados culturais sociais construídos por meio da interação mediada por computadores entre seus participantes, o termo virtual expressando a representação de construções mentais no espaço simbólico do ciberespaço (LÉVY, 1996, p. 46). Nesses contextos, o indivíduo, não mais limitado por barreiras físicas e temporais, pode escolher se faz parte ou não de determinado grupo, selecionando entre suas opções de acesso o grau de interação que deseja segundo suas afinidades e conveniências.

Em torno dessa eletividade quanto aos focos de interesse são construídas as noções de pertencimento por parte dos integrantes nesses grupos. O espaço da comunidade proporciona aos membros meios para interagir com os demais integrantes e sua participação resulta em experiências a partir das quais ocorrem as negociações de significados e o estabelecimento de identidades. Ao discutir o assunto, Tavares (2007, p. 157) afirma que apesar dos diversos tipos de realce que a definição de comunidade on-line possa receber, dependendo de seu contexto, sua existência caracteriza-se basicamente pela imersão de seus membros em um ambiente virtual que simule a realidade e no qual haja interações regulares entre os participantes que venham a construir vínculos entre os mesmos.

Wenger (1999, p. 16; 2012), por sua vez, identifica outra perspectiva para o conceito de comunidade, apresentando o conceito de comunidade de prática como um ambiente onde

um grupo de pessoas se reúne em torno de atividades propostas em comum que geram, intencionalmente ou não, aprendizado para os participantes. O fenômeno das comunidades de prática prescinde do ambiente virtual para existir, ocorrendo desde que os seres humanos se engajaram nos primeiros processos de partilha de práticas geradoras de aprendizagens coletivas, como ocorria nas primitivas tribos lutando por sua subsistência física. Porém, as novas tecnologias lhes deram maior envergadura e exposição ao enriquecerem as suas possibilidades de interação por meio dos contextos digitais, onde esses grupos passaram a se multiplicar com a expansão da internet.

O engajamento de seus participantes nas atividades propostas em comum e no aprendizado necessário para executá-las constitui-se em uma das características diferenciadas das comunidades de prática em relação a outros tipos de comunidade (LAVE; WENGER, 1991, p. 109). Os aprendizes integram-se gradativamente ao espaço dos demais membros com maior conhecimento do assunto, utilizando o que Lave e Wenger (1991, p. 49) chamaram de “participação periférica legitimada”. Esse processo permite aos novatos adquirirem conhecimento através de processos de coparticipação social em que vão desenvolvendo suas identidades e noções de pertencimento até que venham a participar de forma plena do grupo, movendo-se para o “centro” da comunidade no decorrer de sua integração.

A conceituação do termo comunidade de prática pretendeu lançar novas perspectivas para os estudos nas áreas do conhecimento e aprendizado (WENGER, 2012) e, desde então, o tema vem sendo objeto de um expressivo número de pesquisas. Algumas abordagens ocorrem a partir de contextos educacionais, outras sob a ótica das organizações, ambas reconhecendo nas comunidades de prática modelos a serem adotados como formatos válidos para formação.

## **2. A comunidade investigada**

A comunidade virtual objeto da presente investigação foi construída em 2006 por iniciativa de admiradores do romance *Orgulho e Preconceito* (AUSTEN, 1813) e de sua adaptação para o cinema em versão britânica realizada por Joe Wright em 2005. Ainda que a obra original já houvesse sido adaptada em diferentes versões para as telas em ocasiões anteriores (LEONARD, 1940; LANGTON, 1996; COKE, 1980; CHADHA, 2004) e inspirado

e influenciado muitos outros textos literários (FRANCUS, 2010), o alcance da versão realizada por Wright propiciou a popularização da obra de forma inédita.

O grupo foi criado com o objetivo básico de compartilhar, sem fins lucrativos, a apreciação, produção e leitura de adaptações do referido romance, embora as participantes eventualmente também o utilizassem para outros objetivos afins, como trocar impressões gerais sobre a autora, sua obra e sobre outras versões adaptadas da mesma. O número de participantes do grupo, integralmente feminino, chegou a perfazer mais de oitocentos membros. Porém apenas uma proporção reduzida de participantes, cerca de trinta a cinquenta membros, efetivamente atuava na produção e, eventualmente, na tradução e revisão dos textos adaptados. A maior parte da população ativa do grupo se propunha apenas a fazer a leitura, em caráter regular ou esporádico, dos textos publicados e, facultativamente, a expor sua opinião sobre os mesmos.

As adaptações e reescrituras de obras conhecidas do grande público de há muito se constituem em elemento comum aos processos autorais literários e às possibilidades de apropriação textual por leitores, conforme aponta Hutcheon (2012, p. 145), constituindo-se em processos dialógicos bakhtinianos “onde comparamos o trabalho que já conhecemos com aquele que estamos experimentando” (STAM, 2000, p. 64). Mais recentemente, as adaptações de uma obra original por fãs, quando elaboradas sem fins lucrativos e veiculadas através da internet, passaram a ser reconhecidas como *fan fictions* ou *fanfictions*, *fan fics*, *fanfics*, ou simplesmente *fics* por seus leitores e autores.

Nesse gênero de texto digital observam-se algumas características da cultura participatória característica dos grupos de fãs na internet (JENKINS, 2006, p. 41): os autores estendem e alteram livremente o enredo da obra original, desenvolvem novos relacionamentos entre personagens existentes ou criam novos personagens, além de frequentemente mesclarem materiais de outras fontes e itens multimidiáticos nos textos produzidos, que são intensamente discutidos pelos seus leitores (BLACK, 2006, p. 173). As *fanfics* floresceram no contexto das novas tecnologias, tendo em que vista que estas facilitaram enormemente tanto a publicação dos textos pelos autores como a interação entre autores e leitores através de comunidades on-line construídas em torno das obras originais nas quais as adaptações foram baseadas:

Não é difícil relacionar o impacto que essas tecnologias tiveram não apenas na produção e distribuição de fanfictions, mas também na popularização da

prática em si e no subsequente convívio entre essas pessoas com paixões em comum. (PADRÃO, 2007, p. 7).

A plataforma utilizada pelas participantes para interagir foi um ambiente criado em uma rede social, onde ocorreram as interações durante o período observado pela pesquisadora. A adesão ao grupo on-line era livre e aberta ao público participante da rede social em que se inseria a comunidade, embora fosse condição indispensável para acesso aos textos e às interações do grupo. Todavia, foi solicitada aprovação das moderadoras do grupo para a elaboração do presente artigo e as identidades das autoras das interações aqui transcritas foram preservadas. Além desse ambiente, posteriormente foi construído um website convencional em ambiente externo ao grupo digital com os objetivos de servir de repositório à parte dos textos produzidos pelos membros e de proporcionar uma alternativa de visibilidade pública da produção textual do grupo.

A descrição da comunidade, apresentada em sua página inicial e elaborada pelas moderadoras, a apresentava como um espaço para “aqueles que apreciam não só a obra [*Orgulho e Preconceito*] de Jane Austen, mas também as fanfics relacionadas à referida obra”. Essa mesma descrição sugere ainda regras gerais para compartilhamento dos textos produzidos, que deveriam ser “escritos em capítulos e possuir um título”, “corrigidos antes de serem postados” e discutidos em seus respectivos tópicos ou fóruns de debate.

Ainda que a participação e o acesso ao grupo criado na rede social fosse livre a qualquer indivíduo que desejasse se inscrever no mesmo, a descrição da comunidade estabelecia limites para as discussões, sob risco de exclusão do participante que os quebrasse: “críticas construtivas serão sempre bem-vindas. Insultos ou qualquer outra forma de denegrir a imagem de outrem não terão qualquer justificativa, sendo o autor(a) dos insultos gentilmente convidado a se retirar.”

### **3. As interações entre os membros do grupo**

As interações entre os membros do grupo foram acompanhadas pela autora do presente trabalho, que também participou da comunidade durante o período de abrangência da pesquisa, de 2007 a 2013. O rico conteúdo dessas interações, além das diversas *fanfics*, em sua maioria textos em forma de romance e conto, incluiu ainda todas as discussões sobre os textos ficcionais produzidos e demais temas correlatos aos objetivos da comunidade. No

presente estudo foram destacados os tópicos considerados mais representativos da dinâmica interna da comunidade, segundo a perspectiva da observadora participante, que os registrou e comentou em diário de pesquisa durante o período de investigação.

A maior parte dos membros relacionava a afinidade com relação à preferência pela obra *Orgulho e Preconceito*, compartilhada com as demais participantes, a representações de acolhida e aproximação vivenciadas a partir das interações no grupo:

[A comunidade] representa poder compartilhar a paixão por O&P, é incrível saber que não sou somente eu que não gostaria que o livro acabasse. (B.P.)

Ver que existem pessoas como eu, que leem e AMAM *Orgulho e Preconceito* e poder compartilhar esse sentimento, faz com que eu me sinta bem, feliz, alegre, acolhida, e cheia de amigas porque é assim que me sinto quando acabo de ler uma fic, como se conhecesse um pouco de cada uma das autoras (R.C.).

Eu gosto de entrar porque encontro pessoas que gostam da mesma coisa que eu, eu gosto muito da nossa interação, é uma espécie de amizade por causa do livro... (H.L.)

Outras participantes, além de reconhecerem as percepções de pertencimento experimentadas a partir de suas participações, também creditaram valor terapêutico às suas experiências de leitura compartilhada e aos relacionamentos estabelecidos com os demais membros do grupo:

A comunidade foi minha salvação, estive passando por uns problemas, fiz terapia e tal... na verdade foi uma crise de estresse, o que mais tarde acarretou numa depressão. [...] Sou muito grata a tudo isso... as fanfics me ajudaram em minha recuperação. (A.D.)

Ela [a comunidade] me deu uma nova alegria na minha vida... deu mais incentivo para acreditar no amor e nas pessoas... (S.K.)

As autoras participantes do grupo publicavam suas *fanfics* no próprio ambiente digital da comunidade, em uma única ocasião, caso fossem curtas, ou em capítulos em intervalos específicos de tempo, caso fossem mais longas. No caso dos textos mais longos, havia a expectativa por parte das participantes leitoras de que as autoras publicariam os capítulos de seus textos em prazos regulares e que terminariam seus textos.

Aqui na comu geralmente criamos laços, fazemos amizades apesar da distância dos nossos estados e quando alguma menina posta uma fic, é como se fosse um compromisso ela continuar postando, concluir a história. (R.C.).

Contudo, esporadicamente havia pausas prolongadas entre as publicações de capítulos de uma *fanfic* ou eventualmente alguma produção não era concluída, geralmente em função de questões pessoais das autoras:

Sim, eu sei que ando sumida e as minhas fics andam mais do que paradas! Garanto-lhes que é por uma boa razão. ESTOU COMPLETAMENTE SEM TEMPO! (...) Então, peço-lhes um pouco de paciência com esta escritora amadora. (L.R.) (grifo original)

Confesso que ando down esses dias tanto que nem consigo escrever então não tenho previsões de quando minha fic volta ao ar! (A.I.).

Quando não havia regularidade na publicação dos capítulos de alguma *fanfic*, não raro surgiam reclamações por parte daquelas que haviam se comprometido a ler a obra e desejavam conhecer o desenrolar restante da história.

Gente, o que está acontecendo? As pessoas iniciam as fics e simplesmente DESAPARECEM! (C.C.) (grifo original)

Galera, cadê as fics, desculpe o desabafo, mas as meninas demoram TANTO a postar que eu fico na dúvida qual história é qual! Será que isso acontece apenas comigo ou as outras leitoras passam por esse desestímulo em continuar as leituras... (F.F.) (grifo original).

No entanto, as autoras dos textos também esperavam que as leitoras que se dedicassem a ler suas obras apresentassem seus comentários sobre as mesmas, avaliando a receptividade de seus textos pela quantidade e pela qualidade dos *feedbacks* recebidos nos fóruns de discussão abertos para esse fim no grupo digital. As moderadoras do grupo, respondendo a algumas reclamações desse gênero, ressaltavam a importância de que tanto leitoras como autoras se propusessem a interagir com regularidade, contrapondo ambas as expectativas presentes na comunidade:

É salutar cobrar as fics, porém... é melhor ainda comentar, nem que seja um pouco, para fazer a alegria das autoras. (C.L., moderadora do grupo).

O ideal seria que as autoras postassem com regularidade e terminassem suas fics. Por outro lado, o ideal seria que cada leitora postasse pelo menos um pequeno comentário sobre a fic que está lendo, mesmo que seja um simples: "Olá, estou lendo tua fic". Mas, infelizmente, não vivemos num mundo ideal! (S.H., moderadora do grupo).

A partir dos relatos apresentados, verificava-se que o perfil de um membro “ativo” do grupo pressupunha, enquanto leitor, sua participação assídua lendo e comentando os textos produzidos, e enquanto autor, a publicação de seus textos com regularidade. Ambas as

atividades envolviam uma característica desejada nas interações entre as participantes: a reciprocidade. As escritoras, além de escreverem, também deveriam ler textos que não fossem de sua autoria, e as leitoras deveriam retribuir os esforços voluntários de produção textual das autoras com *feedbacks* regulares. Também era esperado das participantes autoras e leitoras, em especial das mais ativas no grupo, que se engajassem em atividades compartilhadas necessárias ao funcionamento da comunidade, como a revisão dos textos produzidos:

(...) Vamos mudar isso gente, três palavrinhas: Oi... Estou lendo! E já se faz uma autora feliz! Espero ter colaborado com vc, F... Mas ambos têm de colaborar nesta relação autora-leitora... (C.C.)

Muitas vezes vejo que as autoras que postam as fics, nem sequer comentam as fics das colegas. (C.L., moderadora do grupo)

Como irei utilizar uma revisora acho interessante me oferecer para ser revisora de alguém. (P.G.)

Alguns comentários também registram a ocorrência do *lurking*, prática que se verifica quando alguém tem acesso ao(s) conteúdo(s) de um grupo virtual, mas não interage com os demais membros e/ou contribui com as discussões (NONNECKE; PREECE, 2003, p.111, SCHNEIDER; VON KROGH; JÄGER, 2013, p. 115). As justificativas mais frequentemente alegadas para a prática do *lurking* pelas participantes eram a timidez ou a escassez de tempo:

Comento pouco... mais por falta de tempo do que por falta de vontade, senão até comentava mais! (M.D.)

Não dá tempo de comentar... mas eu leio sempre ã/ (G.N.)  
Sou muito tímida então não tenho nenhuma relação com alguém por aqui. Mas sempre que dá dou uma passada para ver como estão as histórias. (P.G.)

A única coisa que me deixa triste é que não consigo expor minhas opiniões, sinto que deveria comentar, interagir com as autoras, mas tenho um bloqueio. (A.D.)

Em função das características do grupo, as praticantes do *lurking* mantinham-se na “periferia” da comunidade em termos de interações (LAVE; WENGER, 1991, p. 111). Essa percepção era vivenciada de diferentes formas por esses membros: algumas delas, mesmo sendo novatas ou *lurkers*, se sentiam integradas ao contexto da comunidade, a despeito de interagirem com menor frequência do que as mais ativas, e apreciavam positivamente as interações das demais participantes que se moviam no “centro” do grupo:

Meus horários são muito apertados, então não participo como gostaria, mas sempre que posso leio comentários e fico feliz sabendo que existem muitas pessoas que também são apaixonadas por O&P. (S.H.)

Simplesmente adoro a comu, mesmo não participando ativamente. Acho bastante divertido ver como vocês são amigas, como realmente são fãs de Orgulho e Preconceito, sem falar que adoro as fics mesmo que eu não comente em grande parte delas. Tipo leio uma 10 no mínimo e comento em 3..rsrsr!! (Q.J.)

Mesmo não interagindo com tanta gente talentosa (acho super bonita a relação de amizade e respeito que se formou entre alguns membros), não deixo de visitar várias vezes a comunidade, pois acompanho tudo! (M.L.)

Outras participantes *lurkers* ou novatas, porém, manifestavam suas aspirações por um nível maior de proximidade nas interações que lhes permitissem trafegar com maior facilidade para o “centro” da comunidade. Algumas delas, posteriormente, compartilhavam com o grupo o percurso que haviam percorrido entre desempenhar o papel de *lurker* e/ou novata e ser um membro mais ativo do grupo:

Eu, tô boiando em algumas coisas... e tenho pouquíssimos amigos na comunidade... e tenho certeza que não sou só eu... (S.K.)

Relaxaaa...com o tempo vc entra no esquema da comu!! E vc vai ver como eh maravilhoso fazer parte desse lugarzinho especial akii!!!! (F.A.) (em resposta a S.K.)

Acho que faz uns dois meses que estou participando da comunidade. A única atividade que eu tinha por aqui era somente ler as fics. Já li várias, tanto as concluídas como as que estão em construção. (...) Confesso que eu sentia vontade de escrever uma mais o medo era maior, achava que precisava de alguma orientação sobre como deveria desenvolvê-la. Depois de receber o incentivo da K., resolvi meter a cara na doida, logicamente com muito receio. (...) Acho que muitas garotas aqui da comunidade devem ter várias ideias legais, mais não sabem como iniciá-las. (B.V.)

#### **4. Contribuições das práticas compartilhadas para o letramento das participantes**

Tomando-se a acepção de letramento como conjunto de práticas sociais de uso da linguagem escrita (KLEIMAN, 2005, p. 18), é possível considerar a comunidade investigada como um espaço colaborativo cujas práticas de letramento ocorriam através da produção e da leitura das *fanfics*. A iniciativa e o empenho das autoras em produzirem eram estimulados pelos *feedbacks* das leitoras, que, em sua maioria, buscavam incentivar os esforços de quem desejasse escrever e compartilhar sua produção ficcional na comunidade. As escritoras, e

também as leitoras, tinham a oportunidade de refletirem e de se aprimorarem a partir dos resultados obtidos pelos seus textos:

É muito legal ver como vcs podem mudar a história completamente e mesmo assim ainda ser JA [Jane Austen] na essência! Me fez ter vontade de escrever algo tbm, talvez algum dia vcs vejam uma fic minha aqui... (A.T.)

Adoro ler coisas escritas por pessoas (porque aparentemente autores não são pessoas na minha cabeça) e aprender com as falhas e os acertos. Não sei se vocês fazem isso, mas eu leio com o olho mais crítico do universo fan fics, pego o que gosto e tento arrumar o que não gosto, utilizo o que aprendo naquilo que escrevo. Então, acho que a comunidade representa pra mim um constante ensinamento. (P.G.)

Sabem, eu posso estar viajando, mas eu vejo a comunidade hoje como um grande caderno de rascunhos de ideias em cima de um mesmo assunto. Algumas são excelentes, outras nem tanto. Mas o que é excelente para mim pode ser uma droga para outra, então... (C.K.)

Com o objetivo de melhorar a qualidade dos textos, eventualmente as participantes eram instadas de modo mais direto por algum(ns) par(es) mais experiente(s), no sentido de se esmerarem mais quanto à correção e clareza de suas produções:

É bem verdade, eu já desisti de ler fics (sim, foram mais de uma) por erros de português... Ou falta de concordância, simplesmente não dava para entender nada!!!! Frases do tipo "Mim fazer...", ai, ai, ai...Dói!!! Minha dica seria: leia....Mas leia muito, pois quem lê acaba absorvendo regras gramaticais sem saber, na minha opinião ler é a forma mais gostosa de estudar gramática!!! (...) Aki estou usando gírias/abreviações, mas jamais o faria num fic.... Atrapalha, e mtoooo...Só faço isso para ganhar tempo em tópicos/scraps..." Bem, foram as dicas... Beijos a todas (C.C.).

Ninguém escreve perfeitamente, mas acho que devíamos fazer o máximo para nos aproximarmos do correto. E vamos reconhecer que há erros grosseiros demais em algumas fics. (F.M.)

Há um grande número de analfabetos no país, é verdade, mas isso não significa que não devamos estimular a melhoria de quem sabe escrever, não é? (...) Mas como a pessoa vai aprender se ninguém corrigir os seus erros? Sim, porque praticamente ninguém faz críticas nos fóruns de discussão. Eu só vejo elogios. Eles são importantes para estimular a escritoras, sim, mas chamar a atenção da autora para os seus erros também é. (F.M.)

Registre-se que não apenas as produções ficcionais apresentadas no grupo eram alvos desse tipo de *feedback* de outras participantes quanto à qualidade, mas alguns comentários das leitoras também eram criticados com menção explícita a erros mais graves de ortografia e ao uso excessivo do “internetês”.

Como essa é uma comunidade essencialmente feita para leituras, acrescento o pedido de coerência e ortografia àquelas que quiserem comentar. Não precisa acertar tudo, mas pelo tipo da comunidade, que não escrevamos em "internetês". Cada um escreve como quer, mas pessoalmente me incomoda ler um "axim". Não quero parecer chata, mas reparei ainda em um erro ortográfico que persiste em todos os tópicos de comentários. Já perdi a conta de quantos "Estou ansiosa", quando o correto é "ansiosa" (P.J.).

Gente, afirmo que não quero bancar a chata, enjoada, etc. Não é preciso respeitar todas as normas ortográficas, muito menos escrever teses sobre as fics. Só peço que escrevam com mais clareza. **Tanto as escritoras como as leitoras!** Também me comprometo a isso (V.L.). (grifo original)

Entretanto, a não-rigidez desses *feedbacks* era frequentemente ressaltada pelas autoras, que enfatizavam o caráter “construtivo” e não de “críticas” de suas admoestações e a característica democrática das participações na comunidade que havia sido construída para acolher a produção de quem se prontificasse a escrever, sem exigência de pré-requisitos específicos. Essa proposta de empenho mútuo temperada pelo convite à convivência da diversidade de competências (onde também coexistem conflitos e tensões) é característica essencial de uma comunidade de prática que também se relaciona à ideia da parcialidade de saberes que, somados, podem gerar resultados sinérgicos para o grupo (SANTOS, 2002).

Também espero que o que seja dito aqui não signifique que, quando existe uma dificuldade com o português, deve-se deixar de postar até porque a liberdade de se expor é uma das características da comunidade. PELO AMOR DE DEUS MENINAS, NÃO SE PODEM!!! Pelo contrário, recebam como um incentivo para melhorarmos a qualidade das fics, que já são muito boas. Da mesma forma não podemos negar a atualização da linguagem escrita (e falada), pois faz parte da evolução da mesma e, afinal de contas, estamos na internet! (...) Acredito que o importante seja não frear a criatividade mas incentivá-la para que seja apresentada cada vez melhor, certo? Então podemos buscar um equilíbrio sem "assassinar o português" (C.K.) (grifo original)

Não tome as críticas que porventura surjam como uma crucificação, apenas queremos que as fics apresentem um padrão de qualidade razoável, com Português correto e uma estória coerente. Não temos intenção de ofender, nem menosprezar o trabalho de ninguém. (S.H.)

É muuuuito melhor ler um texto bem escrito, isso é fato. Mas a falta de habilidade ou mesmo de jeito para escrever nunca foi motivo para que não se escrevesse aqui. (C.K.)

Todas somos amadoras, ninguém sabe tudo e ninguém é Deus por aqui, cometemos erros e acertos, isso é completamente normal! Relaxem sem descuidar, porque uma fic mal escrita e cheia de erros afugenta as leitoras. (A.I.)

Tais práticas demonstravam que havia uma prática consensual no grupo de não se adotar *feedbacks* mais agressivos quanto à qualidade dos textos para não inibir as produções ficcionais e as interações entre os membros na comunidade, que sabidamente incluía participantes de diferentes níveis de letramento. O depoimento da participante transcrito abaixo comprova essa prática e aponta as limitações da comunicação mediada por computador como uma das razões a justificar o cuidado nas críticas às *fanfics*.

Quanto aos fóruns, em sua maioria só tem elogios e acredito que eles sejam sinceros, é sim, muito mais importante estimular do que desestimular, o escritor amador. Pois, infelizmente como foi mostrado em raros fóruns, a grande maioria não tem maturidade suficiente para aceitar uma crítica negativa e aquele que critica não tem maturidade suficiente para expor-se de um modo que não seja grosseiro e agressivo. Devemos lembrar sempre, que estamos num meio virtual, não conhecemos as pessoas como realmente são, a palavra escrita, não tem som, não tem entonação, uma vírgula fora do lugar, pode ser mal compreendida. (...) Não quero dizer com isso que não devam ocorrer críticas negativas, mas sim, que devemos ter o bom senso de não nos expressarmos de maneira agressiva ou arrogante (...). (S.M.).

Outros comentários buscavam chamar a atenção para o caráter colaborativo das atividades do grupo, realçando a importância da revisão prévia dos textos por outros membros da comunidade antes que fossem publicados e apresentando recomendações ou propostas de auxílio mais específicas aos membros menos experientes.

Em primeiro lugar, bem vinda. Ótimo que a D. fará a revisão de seu texto, pois ele apresenta pequenos erros de concordância e sintaxe que podem ser facilmente corrigidos numa revisão, o que irá melhorar a qualidade e a compreensão do texto. Siga a orientação da C. de separar os parágrafos com dois espaços, pois facilita a leitura on line. (...) Estamos sempre a seu dispor para ajudá-la no que for preciso. (S.H., moderadora do grupo)

Quero enfatizar o quanto pode ser instrutivo e enriquecedor para a autora de uma fic promover a revisão de seus textos. Uma leitura rápida não é suficiente. Por vezes, por já conhecer o conteúdo de seu próprio texto, a autora faz uma revisão menos detalhada, deixando passar pequenos erros que podem tornar a leitura menos prazerosa para muitas pessoas. Enviar textos para outra pessoa ler é um mecanismo útil para manter o texto saudável. (...). (A.L.)

(...) Entendo que ninguém se sente confortável em fazer isso [criticar erros em textos] no fórum, para não se expor e nem constranger a autora. Então acho que se a fic passasse por uma revisão antes disso seria resolvido sem problemas. (...) (F.M.)

Algumas participantes aspirantes a autoras explicitaram sua visão das interações para revisão dos textos como instrumentos de integração com as demais participantes do grupo, de

modo a legitimar sua “movimentação para o centro” da comunidade (LAVE; WENGER, 1991, p. 110) mediante um relacionamento pessoal estabelecido com a revisora de seu texto e da promoção de seu próprio letramento no gênero *fanfic*:

Então, tenho muita coisa escrita e tenho três vezes essa quantidade de timidez para publicá-las. Como estou de férias pensei em publicar o que já tenho escrito. Mas não preciso só de uma revisora, é um guru espiritual que estou procurando porque sou insegura, superprotetora com minhas histórias e completamente maluca/desorganizada. Então a pessoa tem que ser uma mãe. Assustei??? (P.G.)

Gostaria de saber se alguém pode ser a minha revisora e me dar dicas de como melhorar a minha escrita. Tenho bastante tempo, e como quero aprender a melhorar a minha escrita, aceito muito feliz críticas. Alguém me ajudaria? (A.T.)

Embora o ambiente on-line original do grupo na rede social ainda contasse com 833 membros em dezembro de 2013, nessa época não havia mais atividades significativas no espaço digital onde ele se iniciou. Apesar desse esvaziamento do local virtual onde o grupo começou, metade de seus membros ainda interagiu em torno dos mesmos objetivos através de um novo espaço aberto em outra rede social. Produções ficcionais publicadas pelo grupo também se encontram disponíveis para leitura no site aberto como repositório público de *fanfics* produzidas, que pode ser acessado no endereço eletrônico <http://www.janeaustenfanfics.com.br/>.

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou apreender as forças internas envolvidas nas dinâmicas do grupo investigado, cujo objetivo era a produção e leitura compartilhada de *fanfics* do romance *Orgulho e Preconceito* (AUSTEN, 2013), visando compreender os papéis desempenhados pelos atores e fatores envolvidos em suas interações.

Após analisar diversos relatos etnográficos que tinham como objeto de investigação comunidades deste gênero, Wenger definiu três atributos básicos de uma comunidade de prática: engajamento mútuo dos membros, empreendimento conjunto e repertório partilhado (WENGER, 1999, p.73; SANTOS, 2002, p. 7-15). Essas três dimensões estavam presentes no grupo observado, segundo as seguintes características observadas no contexto da comunidade:

a) **O engajamento mútuo dos membros** refletiu-se nos critérios consensuais de afinidades do grupo e de busca da qualidade nas produções textuais, na atuação dos membros do grupo com o objetivo de realizar atividades compartilhadas, como as revisões, e na proposta de reciprocidade nas práticas de escrita e leitura.

b) **O empreendimento conjunto** pode ser percebido não apenas a partir dos objetivos traçados para o grupo desde seu início, mas também nos resultados obtidos quanto a elaboração de textos e quanto ao número de leituras registrados para os mesmos.

c) **O repertório partilhado** compreendeu o acesso às produções publicadas e compartilhadas pelo grupo e aos comentários apresentados pelas leitoras que interagiam diretamente com as autoras dos textos.

A intencionalidade precípua projetada para o ambiente objeto do estudo foi a de mero entretenimento e interação social para seus participantes, sem objetivos educacionais formais explícitos. Entretanto, a partir da percepção das participantes e da observação da evolução dos textos produzidos no grupo, verificou-se que as práticas de leitura e produção textual exercitadas no contexto da comunidade contribuíram para o aperfeiçoamento das competências de expressão escrita das autoras:

Sim, minha primeira fic foi péssima, hj eu releio e morro de vergonha, cheia de erros... um show de horror! Mas eu fui aprendendo com a prática e sei que ainda tenho muito o que melhorar. (P.T)

Como eu já disse no outro tópico, existem algumas escritoras cujo amadurecimento do texto é nítido ao longo da fic, e isso é muito legal de se ver... ou ler. (C.K.)

Eu queria parabenizar todas as escritoras desta comunidade. Tenho percebido que o nível da redação melhorou muito nos últimos tempos. Embora eu não esteja lendo todas as fics (que são muitas atualmente) por absoluta falta de tempo, sempre leio trechos de todas as fics e vejo que já não estão ocorrendo erros grosseiros de Português. Parabéns meninas e vamos manter e melhorar o nível de nossas fics! (S.H., moderadora da comunidade)

Ler as fics concluídas é bom porque a gente pode ver como várias escritoras começam o texto sem muita base e vão melhorando com a prática. Escrever é praticar, praticar, praticar e praticar, mesmo que você tenha o dom da escrita. É ler, reler, acrescentar e, principalmente, cortar! (C.K.).

Desse modo, os resultados da investigação confirmam que o grupo, enquanto espaço para articulação de práticas textuais, funcionou como instrumento efetivo para construção de conhecimento por parte de seus membros, processo que foi resumido da seguinte forma por uma das participantes:

Quanto aos erros nas fics – temos diversos exemplos na comunidade, em que as autoras, melhoraram o seu texto, não há um caso sequer, em que não houve melhoras. E como isso se deu? A aprendizagem acontece, direta ou indiretamente, alguém pode apontar o erro, como acontece informalmente, quando uma passa o seu texto para outra ler. Quem escreve, lê mais, compara e gradativamente percebe seus erros e os corrige. (S.M.).

Ainda que não se deva pressupor que os resultados positivos em termos de aprendizagem verificados no contexto da presente investigação possam necessariamente ser generalizados para outros cenários, é razoável sugerir que dinâmicas de comunidades digitais de práticas compartilhadas de produção textual e leitura dessa natureza podem ser aplicadas com êxito para atender ao objetivo de construção de letramento em contextos educacionais formais.

Como possibilidades de desdobramento para pesquisas ulteriores, sugere-se o recorte de temas relacionados aos processos interativos que norteiam a autoria, a leitura e formação de leitores no meio virtual e a discussão de outras questões relativas à identidade, discurso e aprendizagem no contexto de comunidades on-line, em especial naquelas em que são produzidos textos pertencentes aos novos gêneros surgidos com o meio digital.

## **REFERÊNCIAS**

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Sessões do Imaginário-Cinema Cibercultura Tecnologias da Imagem*, v. 13, n. 20, p. 34–40, 2008. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>. Acesso em 15 mar. 2013.
- ARAÚJO, R. S. DE. Letramento Digital: Conceitos e Pré-Conceitos. *Anais Eletrônicos do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação*, 2008. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Rosana-Sarita-Araujo.pdf>. Acesso em 12 ago. 2012.
- AUSTEN, Jane. Tradutor: Paulo Mendes Campos. *Orgulho e Preconceito*. Ediouro Publicações.
- BLACK, R. W. Language, culture, and identity in online fanfiction. *E-Learning and Digital Media*, v. 3, n. 2, p. 170–184, 2006.
- CHADHA, Gurinder. *Bride & Prejudice*. United Kingdom: Pathé Pictures Internacional, 2005.
- COKE, Cyril. *Pride and Prejudice*. United Kingdom: British Broadcasting Corporation (BBC), 1980.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

- FRANCUS, Marilyn. Austen Therapy: Pride and Prejudice and Popular Culture. *Persuasions: The Jane Austen Journal*, v. 30, n. 2, 2010. Disponível em <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol30no2/francus.html>. Acesso em 15 out. 2013.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: SAGE, 2000.
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. 2. ed. New York, NY, US: Routledge, 2012.
- JANE AUSTEN FANFICS. 2008. *Repositório de adaptações da obra Orgulho e Preconceito de Jane Austen*. Disponível em: <http://www.janeaustenfanfics.com.br/>. Acesso em 15 out. 2013.
- JENKINS, Henry. *Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture*. NYU Press, 2006.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso ensinar o letramento?* p. 487–517, 2005. Disponível em [www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf). Acesso em 24 dez. 2013.
- LANGTON, Simon. *Pride and Prejudice*. United Kingdom: British Broadcasting Corporation (BBC), 1996.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. New York, NY, US: Cambridge University Press, 1991.
- LEONARD, Robert Zigler. *Pride and Prejudice*. United States: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), 1940.
- LÉVY, Pierre. *O que é Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MAGNABOSCO, Gislaíne Gracia. Hipertexto e Gêneros Digitais: mutações no ler e escrever? *Conjectura*, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13>. Acesso em 20 dez. 2011.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, p. 79–111, 2001. Disponível em [http://www4.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f\\_marcuschi.pdf](http://www4.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f_marcuschi.pdf). Acesso em 12 dez. 2013.
- NONNECKE, Blair; PREECE, Jenny. Silent Participants: Getting to Know Lurkers Better. In: LUEG, Christopher; FISHER, Danyel (Orgs.). *From Usenet to CoWebs*. London: Springer London, 2003, p. 110–132. (Computer Supported Cooperative Work). Disponível em: [http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4471-0057-7\\_6](http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4471-0057-7_6). Acesso em 27 jan. 2014.
- PADRÃO, Márcio. Ascensão de uma subcultura literária: ensaio sobre a fanfiction como objeto de comunicação e sociabilização. *Ciberlegenda*, n. 19, 2007. Disponível em <http://www.uff.br/ciberlegenda/artigomarciofinal.pdf>. Acesso em 24 fev. 2014.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira. T. A Emergência das Comunidades Virtuais. ,1997. Artigo, Santos, SP. Disponível em: [http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf). Acesso em 30 ago. 2012.
- RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. U.S.: MIT Press, 2000.
- O'REILLY, T. *What is Web 2.0*. U.S.: O'Reilly Media, Inc., 2009.
- SANTOS, Madalena Pinto dos. *Um olhar sobre o conceito de "Comunidades de Prática"*. 2002. Lisboa, Portugal. Universidade de Lisboa. Disponível em: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jfmatos/mestrados/fcul/aem/aem\\_ese/Santos2002.doc](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jfmatos/mestrados/fcul/aem/aem_ese/Santos2002.doc). Acesso em: 27 jan. 2014.
- SCHNEIDER, Andreas; VON KROGH, Georg; JÄGER, Peter. "What's coming next?" Epistemic curiosity and lurking behavior in online communities. *Computers in Human Behavior*, v. 29, n. 1, p. 293–303, 2013. Disponível em

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563212002658>. Acesso em 27 dez. 2013.

STAM, Robert. Beyond fidelity: the dialogics of adaptation. *In*: NAREMORE, J (Org.). *Film adaptation*. New Jersey: Tutgers University Press, 2000, p. 54–76.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. Comunidades on-line: discutindo possíveis definições. *Cadernos de Letras*, v. 23, p. 153–162, 2007. Disponível em [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/OX2007/textos/cl23052007kati a.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/OX2007/textos/cl23052007kati a.pdf). Acesso em 15 jun. 2011.

WENGER, E. *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. U.K.: Cambridge University Press, 1999.

WENGER, E. *Communities of Practice - A Brief Introduction*. 2012. Disponível em: <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/06-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf/>. Acesso em: 30 ago. 2013.

WRIGHT, J. *Pride & Prejudice*. England: Drama, Romance, 2005.

ZAPPONE, M. H. Fanfics: um caso de letramento literário na cibercultura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 2, p. 29–33, 2008.

**Artigo recebido em fevereiro de 2014.**

**Artigo aceito em abril de 2014.**